

Vigor e atualidade do pensamento social de Freud

Resenha de Betty B. Fuks, **Freud & a cultura**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, 74p.

O livro de Betty Fuks lembra o conhecido adágio de que nos pequenos frascos estão grandes perfumes: numa coleção dirigida ao grande público, como é o caso da "Passo a Passo" da Zahar, e em apenas enxutas 74 páginas, a autora consegue a proeza de expor de forma clara e acessível as reflexões psicanalíticas de Freud em torno da política e dos fenômenos culturais.

Essa faceta da produção freudiana era vista, há não muito tempo, com reservas tanto por uma esquerda que se guiava exclusivamente pela dimensão econômica na análise do social, como pela direita, representada por alas do próprio movimento psicanalítico que advogavam (ou ainda advogam) que as descobertas de Freud sobre o inconsciente só podem ser aferidas no espaço privado da clínica e centradas na transferência desenvolvida naquelas circunstâncias. Para estes, o que não se enquadra nesse modelo é pejorativamente chamado de *análise aplicada* – algo que se olha de nariz torcido e com ar de desaprovação.

Como mostra Betty Fuks, nada mais distante do pensamento do próprio Freud, que rompe com a clássica distinção entre psicologias individual e coletiva por entender que o inconsciente, enquanto dimensão do psiquismo, necessariamente se evidencia em todas as organizações e fenômenos soci-

ais humanos. Isto faz com que, no exercício de sua função, o analista possa e deva ocupar também o lugar de crítico da cultura.

Betty Fuks mostra como, para Freud, a cultura humana nasce do encontro entre "a interioridade de uma situação individual – manifesta nos impulsos que vêm desde dentro do sujeito – e a exterioridade de um código universal, subjacente aos processos de subjetivação e aos regulamentos das ações do sujeito com o outro" (p. 10).

A autora lembra que a importância do social, do outro, na constituição do sujeito aparece muito cedo em Freud. Já no "Projeto" (1895), postula o "complexo do próximo" como o

responsável pela emergência da condição humana, que se instala ao estabelecer o recém-nascido seu primeiro vínculo social com o ser humano próximo (*Nebemensch*), aquele outro que acolhe seu grito de desamparo (*Hilfflosigkeit*), respondendo-o com a satisfação de suas necessidades mas também introduzindo-o no universo simbólico da linguagem. É significativo que Freud chame essa ajuda inicial que possibilita a vida do recém-nascido e lhe dá ingresso no mundo dos homens como "ajuda estrangeira".

Sabemos que é estruturalmente conflitiva a relação entre o sujeito e a cultura, pois esta se impõe dentro de um paradoxo – ao mesmo tempo que acolhe o desejo do sujeito, estabelece limites e impedimentos, impõe a Lei, organiza a representação em nome de uma vida em sociedade. Exige a sublimação

das pulsões, que possibilita sua transformação em bens socialmente valorizados, como a arte e ciência.

Betty Fuks sublinha como as elaborações freudianas sobre a realidade social decorrem de suas descobertas na clínica. Não se trata de uma simples transposição desses conceitos de um campo para o outro, e sim do reconhecimento de uma realidade psíquica que se evidencia igualmente em ambos os lugares. São as mesmas descobertas clínicas fundamentais – as pulsões eróticas e fanáticas em movimento desde o desamparo (*Hilfflosigkeit*) original (que engendra inicialmente as fantasias narcísicas de fusão com a mãe) até a posterior estruturação dos complexos de Édipo e de castração (nos quais se impõe a presença poderosa do pai) – as que vamos reencontrar na atenta leitura que Freud faz do social.

O desamparo (*Hilfflosigkeit*) e o complexo de Édipo estão na base de todas organizações sociais humanas. Vamos revê-los, por exemplo, no mito da horda primitiva. O assassinato do pai e a culpa daí decorrente é o que permite a identificação com sua figura e a internalização da sua Lei, possibilitadora da proscricção do absolutismo no poder e dos assassinatos.

Essa mesma estrutura é revista na gênese de uma força

social cuja importância em nossa história não pode ser diminuída – a religião. Freud, como iluminista que lutava contra o obscurantismo e a ignorância, inicialmente a combateu como a *neurose obsessiva da humanidade*, como um *delírio socialmente compartilhado*, expondo seus aspectos infantilizantes e alienadores assentados na exploração dos mais arcaicos desejos de proteção e amor paterno.

Como explica Betty Fuks, Freud altera um pouco esta postura no final de sua vida. Em “Moisés e o monoteísmo”, ele aponta um lado positivo da religião, reconhecendo-lhe um papel de laço social e entendendo *Deus* como um significante que veicula valores éticos de respeito e amor ao próximo.

As questões ligadas à identificação, ao superego, ao ideal de ego alicerçam a visão freudiana a respeito da psicologia das massas e do papel do líder político.

Narcisismo e pulsão de morte, por sua vez, constituem a base das especulações freudianas sobre a guerra e a violência.

A ferida narcísica decorrente do rompimento da idealizada fusão com a mãe, momento primeiro em que se estabelece a divisão entre o eu e o outro, é atualizada com a constatação das diferenças anatômicas entre os sexos. Configura-se então o sexo feminino como um representante do estranho, do outro, do diferente. Por aí se entende o misoginismo, o machismo, os preconceitos contra a mulher e o judeu. No interessante capítulo “Viena e suas figuras de alteridade”, Betty Fuks vincula essas descobertas freudianas a fatos ocorridos naquela cidade no final do século XIX, quando a mulher era demonizada e o judeu desprezado por serem, no imaginário coletivo, figuras representantes da castração.

Na análise do anti-semitismo, Betty Fuks descreve outro poderoso motivo que explica como o judeu foi colocado como a quintessência do outro a ser eliminado em sua estranheza

inquietante. Refere-se à forma pela qual a religião judaica propõe a idéia de um Deus completamente desmaterializado, inacessível e incompreensível. Dele não se podem construir imagens, sequer pronunciar o nome. É um Deus distante de qualquer familiaridade humana. É o Outro por excelência.

Diz ela: “Freud considerou que essa concepção de um Deus cuja presença se define pela ausência é uma ética de superação das idolatrias. Evidentemente, nada poderia haver de mais insuportável para a economia psíquica da multidão estruturada em torno de um líder carismático, do sentido da imagem e da presença figurada, do que a idéia de uma alteridade sem conteúdo, sem nome, sem essência, transparente como o ar do deserto. Presença do irrepresentável. Uma reflexão imediata nos faz concordar com

as idéias do teórico da cultura George Sterner, em suas notas para redefinição de cultura, de que o estranho e compulsivo caráter da massa acabou por alimentar ódios profundos contra aqueles que introduziram o escândalo da alteridade radical, de uma ausência sem limite de tempo, de ontem, de hoje, de sempre” (p. 55-56).

A intolerância ao outro, enquanto radical alteridade, leva ao desejo de exterminá-lo, pois sua simples existência questiona o narcisismo que, em seu totalitarismo, não admite diferenças. Esse tipo de atitude leva a situações extremas como o Holocausto, mas está na origem das guerras, das grandes destruições em massa, dos fundamentalismos. No momento em que vivemos, nada mais apropriado do que o estudo e a reflexão dessas fecundas idéias freudianas. Elas recolocam a psicanálise na *polis*, participando do incessante debate público que ali se desenrola e fornecendo a ele seus esclarecedores aportes.

Betty Fuks termina seu livro falando da paz, da responsabilidade e da ética, metas ideais só exequíveis a partir da compreensão dos mecanismos psíquicos infantis e inconscientes, lá onde mora a loucura dos homens.

Sérgio Telles é psicanalista e escritor, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autor de *Peixe de Bicicleta* (Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2002) e *Fragmentos Clínicos de Psicanálise* (Casa do Psicólogo e Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2003)